

TÁTICAS DE INVENÇÃO PARA A FORMAÇÃO LEITORA

Nazarete Andrade Mariano (UNEB)

O artigo aborda a invenção de professoras relacionada com as práticas de leitura na escola. O estudo é de caráter interdisciplinar e integra referenciais dos estudos do letramento como prática social (KLEIMAN, 1995; BARTON, 1998 e STREET, 2010) e os estudos culturais, em especial, as contribuições Michel De Certeau, sobre a invenção e apropriação. O foco do trabalho são as táticas de professoras para instituir políticas de leitura bem sucedidas no interior da escola, especificamente, com turmas do Ensino Fundamental nos anos/series finais. Trata-se, em especial, de um “carrinho de leitura”, criado por uma professora de Língua Portuguesa em uma Escola Pública na periferia da cidade de Petrolina-PE, pretendemos revelar o que potencializa esse “invento” que desmonta situações convencionais de leitura, com possibilidades de deslocar do decalque dando outros sentidos e significados, transformando o ambiente escolar em espaços dinâmicos.

Palavras – Chave: prática de letramento; táticas de invenção; docência

Introdução

O texto traz algumas reflexões sobre as inventividades nas práticas de letramento das professoras de escola pública na cidade de Petrolina-PE, procurando observar, em especial, a potência de um invento intitulado como “carrinho de leitura” no qual tem possibilidades de servir como aporte para o enfrentamento de problemas ligados ao desenvolvimento de práticas de leituras em ambiente escolar.

Para tanto faremos um link com as discussões de práticas de letramento cunhadas por Brian Street (2010) e reforçada por Ângela Kleiman (1995) e Barton (1998) em relação às práticas sociais de letramento que consideram o letramento ideológico em detrimento ao letramento autônomo, bem como as contribuições presentes na obra *Invenção do Cotidiano* de Michel Certeau (2009) na arte de fazer para melhor fomentar as invenções docentes.

Este diálogo, entre os Estudos Culturais e as práticas de letramento será pertinente para discorrer reflexões sobre o invento “Carrinho de Leitura” produzido por uma professora de Língua Portuguesa que ministra aulas no nono ano (9º ano) do Ensino Fundamental de uma Escola Pública situada em um bairro periférico da cidade de Petrolina – PE. Destaco aqui que as reflexões servirão para compreender uma série dos estudos sobre as “Professoras Inventoras: uma atitude política ou uma questão de formação?”.

1 Invenção nas Práticas de Letramento numa Perspectiva da Crítica Cultural

Mesmo com o turbilhão da vida moderna e as tantas imposições, descasos e conseqüentemente desvalorização, as professoras da Educação Básica ainda conseguem inventar, desapropriando e (re)apropriando os mais variados ambientes, muitas vezes sem apoio até mesmo para ter acesso ao material didático que possibilitem desenvolver situações que contribuam com suas atividades para e na formação do leitor, pois mesmo presas a determinadas regras voltadas para resultados quantitativos, criam situações inusitadas para o desenvolvimento dessas práticas. Fugindo do decalque e muitas vezes sendo insubordinadas, criando suas táticas Certeau (2009) que levam a outros estilos ou maneiras de fazer, ler, produzir, falar etc. A própria atitude leitora é uma prática que permite inventar sentidos e atribuir novos significados em direção a novas situações da vida sendo o ato de inventividade uma ruptura necessária não somente da professora que inventa, mas também de determinadas interfaces sociais que exigem do sujeito leitor um intervir nas realidades em que é inserido.

Vale ressaltar que por muito tempo o/a docente vem lutando por uma autonomia em busca de novas situações que permitam sair do não – lugar e a partir de suas ruínas construir novos espaços para se deslocar da aceitação à fuga como um andarilho em busca de potencializar suas invenções na criação de táticas múltiplas, como isso, não cair na inércia presente no mundo escolar, apesar do turbilhão apresentado na vida moderna. Mesmo que o ambiente docente seja visto como o não lugar é pertinente considerar as diversas formas de invenção criadas por professoras que são sujeitos atuantes no contexto escolar que muitas vezes desenvolvem sua docência em terrenos tidos como áridos, porém essas professoras se utilizam de táticas para legitimar seus inventos que possam intervir na realidade em que atuam, com isso, articulando aspectos culturais com as práticas de letramento utilizadas através da linguagem.

2 Processo da Invenção para a Formação Leitora

Nas escolas públicas de Petrolina, tal como deve ocorrer em outras realidades da Educação Básica, há práticas de ensino da leitura que vai além do currículo da rede, professoras que inventam estratégias para chamar a atenção do seu alunado, em especial, para as práticas de leitura na sala de aula, aqui irei delimitar apenas para o invento do “carrinho de leitura” desenvolvido em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental desenvolvido e aplicado por uma professora de Língua Portuguesa.

É necessário usar as palavras letramento e invento para direcionar a discussão deste trabalho, pois ajudarão a fomentar a prática da professora intitulada “inventora” que desenvolve seu trabalho em uma escola da periferia da referida cidade. É importante pensar pelo viés de Street de interpretar a partir daquilo que a professora desenvolve e não pelo contrário, como já foi mencionado, estamos discorrendo aquilo que vem sendo desenvolvido e que chama a atenção dos alunos e das alunas. Pois segundo Barton (2000, 07) dentro de uma dada cultura, existe diferentes letramentos associados a diferentes domínios da vida, assim esse invento surge talvez como uma prática distinta das já existentes na escola.

Vale lembrar que o invento “carrinho de leitura” partiu da necessidade que a professora sentiu de criar novas condições de envolvimento de seu alunado com as leituras diversas, considerando o espaço da sala de aula, o qual apesar de viver em contexto que envolve o uso da escrita e conseqüentemente faça uso nas práticas sociais, este aprendiz aparentemente não apresentava interesse pela leitura oferecida na escola, pelo menos a exigida nas propostas curriculares. Bem como, pelo não funcionamento da biblioteca da escola no turno vespertino.

Para Street (2010) as pessoas podem estar envolvidas de uma forma e não de outra, suas identidades podem ser diferentes, suas habilidades podem ser diferentes, seus envolvimento em relações sociais podem ser diferentes, acrescento dizendo que as práticas docentes também podem ser diferentes daquilo estabelecido para o ensino na escola pública, pois se a escola tem um espaço que chamam de biblioteca, aparentando dispor de livros e outros materiais de leitura, então, por que esses alunos e alunas não se sentem envolvidos à leitura nesse espaço? Questionamento como esse pode ir para o viés do modelo de letramento autônomo, pois, geralmente, não se leva em conta as particularidades e interesses dos sujeitos ou talvez possa não existir nessa prática de letramento. Como fomenta Kleiman.

As práticas de uso da escrita da escola – aliás, práticas que subjazem à concepção de letramento dominante na sociedade – sustentam-se num modelo de letramento que é por muitos pesquisadores considerado tanto parcial como equivocado. Essa concepção [...] *de modelo autônomo*. [...] pressupõe que há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social. (Kleiman, 1995, p. 20)

Aparentemente podem existir situações no cotidiano escolar que não consideram os diversos contextos daqueles que poderiam ser os usuários de leitura da biblioteca. Com isso, Street (1984) afirma que as práticas de letramento [...] são social e culturalmente determinadas, e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida. Kleiman (1995, p. 21). Pressupõe que os aprendizes foram envolvidos por outra forma distinta da convencional, até porque, segundo a professora observada, o “carrinho” vai ao encontro dos seus leitores e não ao contrário, é um momento de espera ansiosa por sua chegada à sala de aula, ela cria um ambiente de envolvimento no contexto de sala, o seu invento se mostra um organismo vivo, pois os leitores pegam, sentem, escolhem o que querem ler; deleitam-se.

Com isso a professora encoraja com a possibilidade de empoderamento da leitura, criando possibilidades de eventos de letramentos que Street declara poderosos, uma vez que este letramento é ideológico, entre outras possibilidades porque há poder nessas ideias, (Street, 2010, p. 37). Assim demonstra que esses eventos não estão soltos na sala de aula, vêm atrelados aos objetos, à escrita, aos aspectos textuais, enfim práxis social presente em sua prática de letramento.

As professoras criam condições de exercerem Girouex, (2009) os sensíveis papéis políticos e éticos que devem assumir como intelectuais públicos/as envolvidos/as na tarefa de educar os/as estudantes para uma cidadania responsável e crítica, com isso, levando em consideração o contexto da turma, seus valores culturais e o que eles e elas liam antes de construir esse invento que representa, a priori, necessidades primárias de seus alunos. Em meio a situações de desigualdades e de subordinação também presente no espaço escolar, Giroux discorre que:

[...] a escolarização frequentemente funciona para afirmar as histórias eurocêtricas e patriarcais, as identidades sociais e as experiências culturais dos/as estudantes de classe média, ao mesmo tempo que marginaliza ou apaga as vozes, as experiências e as memórias culturais dos/as assim chamados/as estudantes da “minoría.” Giroux (2009, 86)

Com isso, a professora mostra que o sujeito pode inventar no seu cotidiano docente, várias facetas não autorizadas e contrárias as narrativas mestras eurocêtricas, em especial de

conformidades instauradas nas margens das práticas de leituras. Além de reinventar, se (re)apropria de situações outras permeadas de condições múltiplas para que os discentes se enveredem no anonimato e caminhe por outras possibilidades de leituras, cujos sentidos sejam legitimados de saberes renovados para uma compreensão significativa nas vivências sociais, para influir possibilidades de desconstrução dessas narrativas eurocêtricas também podem legitimar a validade do invento proposto pela autoridade de professora.

Vale lembrar que a palavra invento, utilizada ao “carrinho de leituras” e, conseqüentemente à professora inventora, parte da ideia de **invenção do cotidiano** criada por Certeau (2009) que se alinha a visão de indivíduo na busca de possibilidades de agenciar maneiras de diferenciação que não implicam o isolamento.

Como na literatura se podem diferenciar ‘estilos’ ou maneiras de escrever, também se podem distinguir ‘maneiras de fazer’ – de caminhar, *ler*, produzir falar, etc. Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível [...], mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro... [...] Ele os superimpõe e, por essa combinação, cria para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos. Certeau (2009, p. 92 - 93.)

Essa ordem imposta desloca atenção para uma possível criação de autonomia, provavelmente nascida a partir da prática, pois a invenção da professora pode ser possibilidade de desvio da utilização de situações convencionais que envolvam a leitura, como por exemplo, a biblioteca no espaço escolar que pode inclusive está sendo negligenciada ou existindo de forma invisível dentro desse lugar que ainda não foi transformado em espaço recheado dessa prática, como sugere Certeau.

Para tentar compreender a invenção do carrinho para as práticas de leituras é pertinente observar essa possível invisibilidade, pois parece de início uma invenção anônima emergindo nos espaços de atuação docente como o descrito por Certeau na obra *Invenção do Cotidiano* no desviar desse olhar para o viés do homem comum e anônimo e porque não da mulher que passa despercebida aos interesses da sociedade e suas ideias hegemônicas. O autor coloca uma inversão de perspectiva deslocando a atenção para o não lugar, cuja perspectiva pode ser trazida para nuance anônima dessa noção da leitura presente no não lugar, possivelmente faz de uma prática comum para algo dinâmico e instigador, na arte de inventar a própria cultura, que para Muniz.

[...] O que chamamos de cultura, conceito que por seu uso no singular já demonstra sua prisão à lógica da identidade, é na verdade um conjunto múltiplo e multidirecional de fluxos de sentido, de matérias e formas de expressão que circulam permanentemente, que nunca respeitaram fronteiras, que sempre carregam em si a potência do diferente, do criativo, do inventivo, da irrupção, do acasalamento. [...] Nuniz (2007, 17)

Esse conjunto de multiplicidade na arte de fazer, aos olhos de quem estabelece as normas e subalternizam os espaços de leituras, pode também ser vista como uma situação clandestina, inclusive no que concerne a leitura presente nesse não lugar, pois por ser uma leitura “clandestina” diverge da leitura estabelecida por esse lugar oficial de leitura. Mas, como nos insita Clarisse Lispector quem já não vivenciou esse deleite da felicidade clandestina, nesse caso de uma leitura clandestina! Principalmente ao deslocar o lugar dessa leitura dando outros sentidos, outros

significados e abrindo caminho para outros lugares se transformarem em espaços. Segundo Hall o que importa,

[...]Mudanças em uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondidas. Tais mudanças de perspectiva refletem não só os resultados do próprio trabalho intelectual, mas também a maneira dos desenvolvimentos e as verdadeiras transformações históricas são apropriados no pensamento e fornecem ao Pensamento. Hall (2009, 123)

Com isso, observa-se que o sujeito pode inventar no seu cotidiano docente, várias facetas não autorizadas e contrárias as conformidades instauradas nas margens das práticas de leituras. Além de inventar, (re)apropria-se de situações outras permeadas de condições múltiplas para que os discentes se enveredem nesse anonimato e caminhe por outras possibilidades de leituras, cujos sentidos sejam legitimados de saberes renovados para uma compreensão significativa nas vivências sociais, que além de influir possibilidades de desconstrução dessas conformidades também podem legitimar a validade do invento proposto pela autoridade de professora, indo de encontro as práticas tradicionais de ensino ainda presente no cenário escolar, uma vez que,

As tradições são sempre invenções feitas por grupos humanos numa determinada época. Não há algo tradicional desde sempre e nada do que é tradicional está isento de modificação, de transformação. Muniz (2007, 16)

Aqui, o invento pode funcionar como forma de modificação daquilo que Paulo Freire chama de educação bancária, posta tradicionalmente muitas vezes por grupos que fazem parte de uma política educacional hegemônica. Então este fazer transformador tem perspectivas de assumir um dever que mesmo sendo “clandestina” vai de encontro as tradições postas, apresenta condições para colaborar com mudança da realidade reificada no ambiente escolar constituindo assim, potências múltiplas e, não apenas manutenção de um sistema ou de uma ordem em um dado segmento social a partir da prática de leitura. A professora intitulada inventora cria tática e com isso subverte essa ordem, colocando as condições de leitura a favor do aluno, tentando desconstruir a passividade que ainda é instaurada na escola que tenta impedir outras possibilidades de invenção como marca de empoderamento em ambiente que a educação se constrói, interligando diálogos outros com os envolvidos nesse espaço.

Diante disso, parece que a professora foge do isso ou do aquilo, criando outras possibilidades de realidade e dando uma nova noção de invenção, quebrando a visão de decalque. Assim, constrói um dever do fazer com em detrimento do fazer como, em que possibilita a contemplação de um olhar diferenciado às situações adversas na prática de leitura presente em cada momento do nosso cotidiano.

Assim como quem busca rupturas, a professora cria táticas que são como um presente para sala de aula, ou melhor, como quem leva uma feira a uma população faminta. Pois, apesar de não perceber sua fome pela leitura, a grande maioria tem possibilidades de mudanças a partir desse invento disponibilizado por uma professora que por conta própria criar uma biblioteca itinerante ou “clandestina” subverte a ordem instaurada naquela sala de aula, apresentando novas possibilidades de busca, de (inter)relação e por conseguinte de (inter)lugares como contempla Soares (2000, p.38) aprender a ler, [...] fazer uso da leitura e da escrita transformam o individuo, levam o individuo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.

Vale lembrar que ainda estão em andamento às investigações dos dados dessa cena do

objeto de estudo das professoras inventoras: uma atitude política ou uma questão de formação? Mas, tive vários encontros com essa Professora Inventora que cria táticas para desenvolver a formação leitora em seus alunos/as, especial, com as turmas do nono ano (9º ano) em que a mesma justifica o porquê desse invento dizendo:

***Professora Inventora (PI 1)** - Infelizmente na escola, embora tenha acervo, as pessoas não tem acesso e muitas vezes o local não é apropriado. Eu tinha o sonho de levar os alunos à biblioteca. Passei o ano de 2011 inteirinho tentando, mas não conseguia, pois funcionava como sala de aula. Toda a tarde estava ocupada.*

Assim a professora sem ter o poder de acesso ao acervo da biblioteca escolar, pois o espaço era utilizado a outros fins, então resolve compartilhar seu pequeno acervo de casa como táticas de mobilidades de leitura na sala de aula, tornando um invento sem um lugar próprio e pela ausência de poder Certeau (2012, 95) em micropolítica que funcione como aparato na formação dos/as leitores/as na turma do nono ano.

A professora relata que queria que seus/suas alunos/as tivessem a chance de escolher o que iria ler e segundo a PI1 o carrinho trouxe liberdade, mobilidade, autonomia, interação e independência como discorre:

***PI 1** - O carrinho de leitura nos deu independência, liberdade, Autonomia, interação, mobilidade!*

E ainda completa dizendo que já tem um resultado visível, inclusive outros /as professores/as comentam que a turma é outra, mais interessada e crítica como bem coloca:

***PI 1** - Para o meu aluno trouxe um gosto, uma curiosidade, estão lendo mais, percebi uma melhora de interpretação, inclusive os outros professores estão percebendo isso.*

Apesar do pouco tempo de implementação do “Carrinho de leitura” os resultados são visíveis. Os alunos aos poucos vêm conquistando a autonomia através da leitura. Estamos no início da pesquisa, mas já se percebe que a mudança não está apenas nos alunos envolvidos, cada vez mais são cativadas.

Sabe-se que esta etapa voltada para o envolvimento do alunado com a leitura é uma tática insipiente, porém necessária para os sujeitos aprendizes, pois até então esses não se viam debruçados em livro para tal ato. Assim, a professora demonstra que é preciso dar liberdade de escolha para que os educandos leiam aquilo que despertou a curiosidade, assim em outras etapas da vida estudantil estejam conscientes que outras leituras surgiram com outros níveis de responsabilidade e exigências.

Considerações

Em síntese, este trabalho tenta mostrar um esforço inicial, referente aos fazeres de professoras, cujo trabalho foi intitulado de invento que se refere às táticas de invenção um “carrinho de leitura” pensado para desenvolver práticas de leituras com os alunos e as alunas do 9º ano do Ensino Fundamental. Com objetivo de observar a potência desse invento, no qual, têm possibilidades de servir como aporte para o enfrentamento de problemas ligados ao desenvolvimento de práticas de leituras e, conseqüentemente para a formação leitora no ambiente escolar. Assim, foi fundamental utilizar de fundamentos teóricos para validação das ideias discutidas neste estudo.

Com isso, este estudo desmonta a ideia de que os Estudos Culturais não considera o uso da linguagem em suas discussões, pois o foco deste debate é voltado para o letramento de professores, em especial de professoras que são insubordinadas em relação a realidade posta, com isso a Crítica

Cultural contribui com o empoderamento sobre as linguagens tidas como marginalizadas, em especial de vozes subalternizadas dentro do espaço escola, criando outros lugares para o desenvolvimento do letramento docente.

Referências

- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. 2ª ed. Vozes, 2009.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições Sobre Estudos Culturais**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- DELEUZE, Gilles; QUATTARI, Félix. **Rizoma**. In: Mil Platôs- capitalismo e esquizofrenia, tradução de Aurélio Guerra e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: ed 34.1995.
- DERRIDA, Jacques. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autentica, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALLO, Silvio. **O PROFESSOR-ARTISTA: educação de si e revolução molecular**. In. SANTOS, Comes. GARCÍA, P. Cesar, SEIDEL, Roberto (org.) **Crítica Cultural e Educação Básica: Diagnósticos, proposições e novos agenciamentos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Trad Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. Belo Horizonte- MG: Ed UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica das categorias e conceitos que embasam o discurso sobre a cultura no Brasil**. In . Gisele Marchiori Nussbaumer (org). Teorias & Políticas da Cultura: visões multidisciplinares. EDUFBA, Salvador-BA, 2007. (Coleção CULT). Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/139/1/Teorias%20e%20politicadas%20da%20cultura.pdf>
- KLEIMAN, B. Angela. Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola. In: KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado Aberto, 1995.
- MOREIRA, Osmar. **Crítica Cultural: campos de trabalho e trabalhos de campo**. Org. Ari Lima e Edil Costa. **Estudos de Crítica Cultural: diálogos e fronteiras**. Salvador: Quarteto, 2010.
- ROMANO, J. O. **Empoderamento: enfrentemos primeiro a questão do poder para combater juntos a pobreza**. Documento de apoio apresentado no Internacional Workshop Empowerment and Right Based Approach in Fighting Poverty Together. 2002, Rio de Janeiro. Brasil.
- SANTOS, Cosme Batista dos. **Letramento e senso comum: a popularização da linguística na formação do professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

WWW.POSCRITICA.UNEB.BR.

1. **MARIANO**, Nazarete Andrade. Mestranda em Crítica Cultural
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS II
e-mail nazaposcritica@hotmail.com
naza_mariano@hotmail.com